

## I

## O FOGUEIRO

Ao entrar pelo porto de Nova Iorque no navio já lento, Karl Rossmann, rapaz de dezassete anos que havia sido mandado para a América pelos pais, gente pobre, porque uma criada o seduzira e dele tivera um filho, viu a estátua da deusa da Liberdade, que observava havia já bastante tempo, como se a luz do dia subitamente se tivesse tornado mais intensa. Parecia que o braço, com a espada, acabara de se erguer, e em torno da figura dela ondulavam as brisas livres.

«Tão alta», disse para consigo e, longe de pensar em desviar-se, foi sendo gradualmente empurrado até à amurada pelo número crescente de bagageiros que junto a ele transitavam.

Ao passar por ele, um jovem com quem travara rápido conhecimento durante a viagem disse-lhe: «Então, não lhe apetece desembarcar ainda?» «Por mim, estou pronto», disse Karl, rindo-se para ele, e, por presunção e porque era um rapaz forte, pôs a mala em cima do ombro. Mas, ao acompanhar com o olhar o seu conhecido, que, volteando um pouco a bengala, se afastava já com os outros, reparou que

havia esquecido o guarda-chuva no navio, em baixo. Apresadadamente pediu ao seu conhecido, que não pareceu muito agradado, a amabilidade de aguardar um instante junto da mala, certificou-se rapidamente da localização para não se enganar no regresso e desapareceu. Em baixo, para lástima sua, encontrou fechada, pela primeira vez, uma passagem que muito teria encurtado o seu trajecto, o que provavelmente tinha a ver com o desembarque da totalidade dos passageiros, e foi obrigado a procurar caminho, com dificuldade, através de uma infinidade de pequenos compartimentos, de corredores que a todo o momento mudavam de direcção, de breves lanços de escada que contudo se sucediam uns aos outros continuamente, de uma sala vazia com uma secretária abandonada, até que por fim se encontrou completamente perdido, porque de facto só fizera aquele caminho uma ou duas vezes e sempre em companhia de mais gente. No seu desespero, e como não encontrava ninguém e só continuava a ouvir por cima de si o matraquear dos milhares de pés, e à distância, como um leve sopro, o último trabalhar da máquina já em ponto morto, sem sequer reflectir, começou a bater a uma portinha qualquer com que no seu desnorreamento se deparara. «Está aberta», gritaram de dentro, e Karl, com um suspiro de sincero alívio, puxou a porta. «Porque bate à porta assim, como um doido?», perguntou um homem gigantesco, quase sem olhar para Karl. Por uma clarabóia qualquer, uma luz sombria, há muito esmaecida no cimo do navio, entrava na miserável cabina onde se comprimiam, como em armazenamento, uma cama, um armário, um cadeirão e o homem. «Perdi-me», disse Karl, «durante a viagem não tinha reparado muito bem, mas é um navio enorme.» «Sim, tem razão», disse o homem com algum orgulho, sempre de volta do fecho de uma mala pequena, que repetidamente comprimia com ambas as mãos para escutar o trinco a fechar. «Mas entre lá», prosse-

guiu o homem, «não vai ficar aí fora.» «Não incomodo?», perguntou Karl. «Ah, como é que havia de incomodar?» «Você é alemão?», procurou ainda certificar-se Karl, pois que muito ouvira contar sobre os perigos que, sobretudo por parte dos irlandeses, ameaçam os recém-chegados à América. «Sou, sou», disse o homem. Karl hesitava ainda. Então o homem agarrou inesperadamente no manípulo e fechando de repente a porta puxou com ela Karl para dentro, para junto de si. «Não suporto que do corredor se ponham a olhar-me cá para dentro», disse o homem, que voltara à sua tarefa, de volta da mala. «Cada um que passa põe-se a olhar cá para dentro, não há paciência.» «Mas o corredor está vazio», disse Karl, desconfortável, entalado contra os pés da cama. «Pois, agora», disse o homem. «Mas é de agora que se trata», pensou Karl, «com este homem é difícil falar.» «Mas deite-se em cima da cama, fica com mais espaço», disse o homem. Karl rastejou como pôde para cima da cama, rindo-se alto de uma primeira tentativa baldada para subir de um salto. Mas mal se achou sobre a cama exclamou: «Deus me valha, esqueci-me completamente da minha mala.» «E onde está ela?» «Lá em cima, na coberta, um conhecido meu ficou a guardá-la. Como é que ele se chama?» E de um bolso secreto que para a viagem a mãe lhe havia posto no forro do casaco tirou um cartão-de-visita. «Butterbaum, Franz Butterbaum.» «Faz-lhe muita falta a mala?» «Naturalmente.» «Então porque a entregou a um estranho?» «Tinha-me esquecido do guarda-chuva cá em baixo e vim a correr buscá-lo, mas não queria andar com a mala atrás. E depois acabei por me perder.» «Está sozinho? Sem companhia?» «Sim, sozinho.» Talvez fosse de me apoiar neste homem, foi o que passou pela cabeça de Karl, onde poderei encontrar para já um amigo melhor. «E agora perdeu também a mala. Já nem falo do guarda-chuva», e o homem sentou-se no cadeirão, como se o assunto de Karl

tivesse ganho algum interesse para si. «Mas eu acredito que a mala ainda não está perdida.» «A fé é que nos salva», disse o homem, coçando com força a cabeça, pelo meio do cabelo escuro, curto e espesso. «A bordo, a moral vai mudando com os portos, em Hamburgo o seu Butterbaum talvez tivesse tomado conta da mala, aqui é muito provável que já não haja rasto dos dois.» «Então tenho que ir já lá acima à procura», disse Karl e olhou em volta para ver como poderia sair. «Deixe-se estar», disse o homem, e aplicando-lhe a mão sobre o peito empurrou-o de volta à cama, com rudeza. «Mas porquê?», perguntou Karl, irritado. «Porque não faz sentido», disse o homem. «Daqui a nada também saio e vamos juntos. Ou a mala foi roubada, então não há remédio e bem pode você chorar por ela até ao fim dos seus dias, ou o homem ainda está a tomar conta dela, nesse caso é parvo e é bem feito que continue a guardá-la, ou então é uma pessoa séria e deixou lá ficar a mala, e tanto mais facilmente a encontramos quanto mais vazio estiver o navio. E o seu guarda-chuva também.» «Sabe orientar-se bem dentro do navio?», perguntou Karl, desconfiado, e parecia-lhe que aquela ideia, de resto convincente, de que seria mais fácil encontrar as suas coisas com o navio vazio, podia trazer alguma manha escondida. «Eu sou fogueiro no navio», disse o homem. «Você é fogueiro», exclamou Karl, com satisfação, como se o facto ultrapassasse todas as expectativas, e apoiando-se nos cotovelos pôs-se a observar o homem com mais atenção. «Mesmo em frente ao camarote em que eu dormia com os eslovacos havia uma escotilha por onde se conseguia espreitar para a casa das máquinas.» «Sim, era aí que eu trabalhava», disse o fogueiro. «Sempre me interessei muito por coisas técnicas», disse Karl, mantendo-se numa certa linha de pensamento, «e havia de ter chegado a engenheiro, se não tivesse sido obrigado a partir para a América.» «E foi obrigado porquê?» «Ah, coisas!», disse

Karl, e fez um gesto com a mão, como se fosse uma história sem importância. Ao mesmo tempo sorriu para o fogueiro, como que a pedir-lhe compreensão mesmo para aquilo que não revelava. «Há-de ter havido um motivo», disse o fogueiro, e não se percebeu ao certo se com tais palavras queria estimular ou evitar a narração do motivo. «Eu agora também podia ser fogueiro», disse Karl, «para os meus pais, agora, é totalmente indiferente o que eu possa ser.» «O meu lugar vai vagar», disse o fogueiro; meteu as mãos nos bolsos, perfeitamente ciente do gesto, e para se esticar atirou para cima da cama as pernas que trazia enfiadas numas calças amarrotadas, enrijecidas, cinzentas como ferro. Karl foi obrigado a chegar-se mais para a parede. «Vai abandonar o navio?» «Sim senhor, hoje mesmo pomonos em retirada.» «E porquê? Não gosta disto?» «Bom, a vida é assim, nem sempre é decisivo gostar ou não gostar. E aliás tem razão, também não gosto. É provável que você não esteja a pensar com grande decisão em ser fogueiro, mas é nessas alturas que se torna mais fácil chegar a sê-lo. Por mim, decididamente, aconselho-o a escolher outra coisa. Se na Europa queria estudar, porque não há-de querer estudar aqui? As universidades americanas até são incomparavelmente melhores.» «É uma possibilidade», disse Karl, «mas quase não tenho dinheiro para estudar. De facto li o caso de um indivíduo qualquer que trabalhava de dia numa loja e estudava à noite, e chegou a doutor e, creio eu, a presidente da Câmara. Mas para isso é preciso muita persistência, não é? Receio não a ter. Depois, também não fui particularmente bom aluno, e na realidade dizer adeus à escola não me custou assim muito. E as escolas aqui são talvez mais exigentes ainda. Quase não sei inglês. E em geral aqui há um grande preconceito contra os estrangeiros, julgo eu.» «Também já sabe disso? Bom, então está bem. É cá dos meus. Veja bem, estamos num navio alemão, o navio